

A FÚRIA DO CORPO, DE JOÃO GILBERTO NOLL: UMA APRESENTAÇÃO

Antonio Rodrigues Belon (UFMS)¹
Michele Cristina dos Santos Fazioni (PG-UFMS/CAPES)

1. Sobre *A fúria do corpo*

E cada encontro nos lembrava que o único roteiro é o corpo. O corpo.

João Gilberto Noll

O objetivo com esse artigo, é apresentar os olhares iniciais destinados a *A fúria do corpo*, publicada em 1981, realizados por meio de estudos e informações a respeito da obra supracitada. Além disso, a análise exibirá algumas concepções relativas à literatura hoje, no que tange especialmente a literatura brasileira contemporânea, produzida e recebida na atualidade.

Além da primeira edição em 1981, publicada pela *Editora Record*, no Rio de Janeiro, *A fúria do corpo* segue com mais três edições: uma, publicada pela *Editora Círculo do Livro*, também em 1981, na cidade de São Paulo, por cortesia da distribuidora *Record* de serviços de imprensa S.A.; mediante acordo com o autor. A outra, publicada em 1989 pela *Editora Rocco*, no Rio de Janeiro. A última publicação, ainda, integra o livro intitulado *Romances e contos reunidos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, composto por alguns contos e romances do escritor.

É necessário explicitar que para a leitura e análise desse trabalho, adotou-se a penúltima edição, de 1989, publicada pela editora *Rocco*, conforme mencionada acima. Desse modo, as outras publicações também serão relevantes no momento em que se explanará uma apresentação da criação e desenvolvimento da obra literária em questão.

O romance relata a errância de um casal de mendigos que perambula pela cidade do Rio de Janeiro, onde se depara com a violência, as drogas, as doenças; enfim, as misérias humanas e os dejetos são expostos e vivenciados de maneira cruel e chocante. A trama é protagonizada por um personagem anônimo, sem passado, profissão e dinheiro, que vagueia pelas ruas de Copacabana desorientado, sem amanhã. Em algumas vezes, acompanhado por Afrodite, seu grande amor mendigo, que vive de vender o corpo; em outras, ao lado de delinquentes, traficantes e vadios desiludidos.

A narrativa em primeira pessoa confere ao protagonista, o mendigo inominável que, já inicialmente, negando suas raízes, declara que não deixará pegadas de seu passado e nem de seu amanhã; o que importa somente é o seu presente, “digamos que tudo começa neste instante” (NOLL, 1989, p. 09). Não há identificação, nomes, durante a narrativa, porém, notam-se graus excessivos de escatologias, denunciando a intimidade a despeito da ausência de identificação acima referida:

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Também não irei te nomear, os nossos nomes não serão pronunciados até que chegue o dia de serem proclamados, já toquei nos teus lábios vaginais, já penetrei entre eles, o meu sexo sim, o nosso sexo, e agora é tudo como se fosse nossa origem e esses lábios túrgidos, meu pau lateja como um animal farejando os umbrais do paraíso (NOLL, 1989, p. 10).

Alguns termos fundamentais para a compreensão do trabalho e também esclarecimentos da narrativa em questão serão estudados iniciando por escatologia, termo definido por tratado acerca dos excrementos e, também, literatura obscena, o relato do ato sexual, cruamente, demonstrado na narrativa. Excremento, segundo o dicionário², é o conjunto de substâncias, essencialmente constituídos pelos produtos que não foram absorvidos no tubo digestivo, e que são lançados para o exterior; fezes, sujidade, matéria fecal. Situações abjetas permanecem na ficção, designam manifestações corpóreas e existenciais que expõem o indivíduo ao último grau de baixa moral, colocam as personagens na categoria de vil. Ressalta-se que a escatologia configura por um fenômeno da linguagem e a abjeção se difere no sentido de que não constitui na linguagem em si, mas no fato.

As personagens vivenciam momentos eróticos e, constantemente, expõem sua intimidade. Esse erotismo relativo ao amor sensual e preocupações sexuais patologicamente exageradas, definido por um dicionário de Língua Portuguesa³. A obra perpassa por ocasiões conflitantes; o narrador se entrega a um cotidiano de angústias, de violência, envolvendo-se em aventuras vulgares, concedendo predominância às cenas eróticas; ao mesmo tempo, abriga toda a miséria existencial que vive um ser humano. “Desespero, violência e sexo são tratados com realismo pungente, numa linguagem límpida e forte, que mistura lirismo e crueldade para mostrar o âmago do sentimento humano.”⁴ Enfim, essa sucinta apreciação do enredo, pelos olhares da recepção (pesquisador do objeto de estudo), envereda o texto a outras informações complementares a este tópico que se restringe a uma apresentação preliminar, juntamente com todos os dados coletados sobre a obra.

1.1. A poética dos dejetos

Talvez seja o meu livro mais radical. No sentido de eu assumir a enxurrada dos dejetos estilísticos.

João Gilberto Noll

² ALMEIDA, C.J. & SAMPAIO e MELO, A. *Dicionário da língua Portuguesa*, 8 ed., Portugal: Porto editora, 1999, p. 712.

³ ALMEIDA, C.J. & SAMPAIO e MELO, A. *Dicionário da língua Portuguesa*, 8 ed., Portugal: Porto editora, 1999, p.646.

⁴ Parágrafo retirado da orelha da obra *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll, edição de 1989.

As palavras proferidas pelo autor, a epígrafe do texto, abrem ou encaminham a obra estudada à recepção e também à compreensão do item que tratará das diversas leituras que essa narrativa contemporânea pode proporcionar. Considerando o livro como radical, o autor, explicitamente, expõe a sua poética, ou, como ele mesmo assume, *A fúria do corpo* define por uma enxurrada de dejetos estilísticos; ele mesmo se apegando a esses elementos e os transpõe a sua narrativa, poética explícita, transgredindo essas materialidades em que adquire um admirável estilo no qual se fundem as sujeiras com os elementos belos que dão poesia ao texto, e, em especial, ao romance.

É fundamental considerar a definição exposta pelo autor sobre sua própria ficção. Dessa maneira, Noll trata da obra como *radical*, extremista, em que se assume a *enxurrada*, o jorro de águas sujas; enxurrada de *dejetos*, a ação de evacuar excrementos, as próprias matérias fecais expelidas, e que o autor designa, em sua ficção, como elementos especificamente estilísticos.

A definição do vocábulo *radical* auxilia a própria compreensão da escritura do ficcionista gaúcho. O âmago da existência humana repercute na exposição dos fatos sociais e biológicos concernentes da trama estudada, isso, desde a raiz que gera as problemáticas que envolvem questões corporais e sociais, as excreções e as mazelas vistas de forma aprofundada em que possibilita adentrar nas entranhas do corpo, nos interstícios da sociedade. Por outro lado, o *radical* remete à doutrina que impele à adoção de medidas extremas para resolver os males sociais.

Após compreender a epígrafe, percebendo a sua relevância para este item, destinam-se essas reflexões às teorias da recepção, em especial, estudadas por Sandra Nitrini. As teorias utilizadas para a pesquisa são importantes, também, para compreender a recepção de obras literárias de outras épocas; faz-se essencial que a leitura seja contextualizada, uma vez que a recepção deve obedecer, ou melhor, reconhecer os contextos, os distintos momentos em que se insere a obra, o processo de criação e sua própria recepção, pois:

cada leitor tem seu passado próprio, com suas experiências estéticas anteriores. No entanto, ele não escapa a uma homogeneização de visão decorrente da tradição cultural na qual se insere (NITRINI, 2000, p. 179).

Diante do propósito anunciado, serão explanadas as leituras adquiridas da narrativa em questão, juntamente, ou melhor, de forma dialética, com os estudos sobre a *Recepção*, relidos e reescritos pela estudiosa Sandra Nitrini que resgata, objetivamente, a *Estética da recepção* formulada por Jauss.

Convém mencionar que a leitura demonstrada até o momento se restringe a uma apresentação e reação (quanto à recepção) da narrativa em questão. A leitura e análise, no decorrer do estudo, envolvem questões como reescritura, influências, recepção, dentre outros conceitos em que se tenciona discorrer mais adiante.

Apropriando-se das palavras do próprio autor, já referidas no texto, o trecho retirado da entrevista com João Gilberto Noll, cedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, desencadeará a discussão no decorrer deste tópico, mostrando, como mencionado anteriormente, a possibilidade de a narrativa brasileira contemporânea, mais precisamente *A fúria do corpo*, “pegar o leitor pelo cangote e colocá-lo diante de seus próprios dejetos”.

É o que ocorre com a narrativa estudada, repleta de fortes momentos escatológicos e de abjeções, porém, intensos e reflexivos, permitindo múltiplas reações em distintos leitores. A recepção, ao confrontar-se com a história, encontra-se diante de suas próprias

sujidades e fraquezas, por isso, às vezes, completamente negadas e hipocritamente condenadas.

A citada obra define-se, como complexa e profunda, capaz de atrair, de diferentes maneiras, diversos receptores; isto significa dizer que o contato imediato com esta narrativa pode ocasionar críticas plurais, aceitações, interpretações reflexivas capazes de demonstrarem o âmago da narrativa e o quanto a literatura é competente e proporciona conhecimento amplo da existência do ser, dos problemas sociais que os rodeiam. Como define Nitrini (2000) o leitor pode:

reagir de vários modos: consumir simplesmente a obra ou criticá-la, admirá-la ou recusá-la, deleitar-se com sua forma, interpretar seu conteúdo, assumir uma interpretação reconhecida ou tentar apresentar uma nova (p. 171).

Mais que os problemas sociais, a narrativa cristaliza, desnuda os fatos que são inaceitáveis, recusados pelo homem; os sentimentos bons ou ruins, os desejos manifestados pelo corpo, constituintes da própria natureza, até mesmo as forças excretoras do corpo tão presentes na narrativa: “(...) a urina escoava até um penico morrinhento de mijo coagulado” (NOLL, 1989, p. 38) - mas, paradoxalmente, essas forças são mescladas às intensidades místicas existentes na obra, assim, elevando a poeticidade da criação literária diante de tantas abjeções.

basta o corpo de Afrodite para me sentir recompensado com o repouso e o sonho, o sono sobre o corpo de Afrodite é como se eu navegasse no alto mar, densas ondulações no deserto das águas, apenas o sol como a outra presença viva, é quente o corpo de Afrodite, o sol vem do interior das profundas águas de Afrodite recendendo a terra (NOLL, 1989, p. 17).

Repleta de metáforas, a obra permite distinções entre as recepções; os leitores aceitam a obra de forma diversificada, por isso, o aproveitamento qual seja desse tipo de narrativa irá depender do nível intelectual, da sensibilidade e da percepção humana existentes. Ao mesmo tempo, o receptor “não escapa a uma certa homogeneização de visão decorrente da tradição cultural na qual se insere” (NITRINI, 2000, p. 179).

Em suma, nesse tópico fez-se possível explanar a respeito da narrativa e sua complexidade, bem como sobre as reações interiores do leitor, que contribuem, em parte, para um entendimento relevante da obra, além de considerar a capacidade que o romance tem de atrair leitores que ora repugnam a narrativa, ora se encantam com a escrita admirável, cósmica e poética de João Gilberto Noll.

1.2. Das excreções à eternidade

*eu meto sim sem cerimônias, varo as entranhas
dela com meu mais tenso mel, vomito todo meu
néctar lá pelo dentro mais impenetrável dela.*

João Gilberto Noll

Das excreções que causam nojo até a presença do lirismo, do amor que reluz a narrativa, ocorrem, paradoxalmente, degradações, mas também arrebatamento das almas, da linguagem que traz o grotesco, o escatológico, o abjeto, escritos de forma poética, metafórica, transcendendo, dessa maneira, a linguagem, as vidas das personagens, a presença permanente do metafísico; enfim, talvez seja o livro onde a dilatação utópica seja mais evidente. Ou, talvez, tudo seja um completo delírio do narrador e de tudo o que representa essa criação.

Inicialmente, o texto referente a essa parte do trabalho exhibe uma epígrafe, palavras do narrador da trama, como se esta fosse um convite à reflexão dos aspectos observados na obra, as forças excretoras do corpo que transcendem, alcançam o plano etéreo.

As poucas palavras, contidas na epígrafe, são descrições de uma penetração, de maneira patente, de um ato sexual. A profundidade desse relato breve deve-se à linguagem poética que permeia o trecho, repleto do grotesco, porém, transfigurado pela força das palavras que proporciona leveza, beleza e poeticidade à escrita. É a integridade dialética e paradoxal que acompanha a narrativa sempre, conforme aponta esse simples parágrafo selecionado para compor a abertura do texto.

O grotesco é observado no momento em que o narrador diz: “meto sim e sem cerimônias” (NOLL, 1989, p. 11); no entanto, essa forma objetiva e realista de referir-se ao ato é rompida, ou melhor, mesclada pelo brilho das palavras relacionadas à poesia, ao belo: “varo as entranhas dela com meu mais tenso mel”. Logo em seguida, o narrador diz: “vomito todo meu néctar lá pelo dentro mais impenetrável” (NOLL, 1989, p. 11).

Esses jogos de palavras acontecem com frequência em *A fúria do corpo*; o *impenetrável* contradiz o próprio ato da penetração, esse estilo é característico das antíteses ocorrentes na linguagem poética.

A seleção dos termos cujos significados entram em oposição com os outros formam um conjunto, uma vez que observando as definições de quatro palavras, elas possuem designações profundas em sua especificidade. Unidas, elas transcendem a linguagem da narrativa, elevando o relato, apresentando a ruptura das fronteiras entre os gêneros literários. Nas palavras de Octavio Paz (1982): “Servo da linguagem, qualquer que esta seja, transcende-a” (p.27); a ficção nolliana é repleta de problemas e ações, expondo, desnudamente, a existência do ser, pleno de poesia e estilos próprios do gênero poético. A linguagem metafórica recobre a narrativa, juntamente com paradoxos que esclarecem a epígrafe introdutória desse tópico:

TENSO	⇒	MEL
VOMITO	⇒	NÉCTAR

As relações observadas nessas quatro palavras designam, além das antíteses, manifestações constituintes do próprio corpo. O esquema acima tenciona mostrar a estratégia escritural na construção de João Gilberto Noll, isto é, mesclar palavras que remetem ações e estados provenientes do ser com vocábulos que carregam, em sua significação, a delicadeza e o lirismo. Em outras palavras, evidencia-se um estado (ou momento) de *tensão* e a necessidade (ou ação) de *vomit*; paradoxalmente, acompanhados de palavras permeadas de forças míticas e poéticas: *mel* e *néctar*.

Tenso significa estendido com força, rigidez em certas partes do organismo; termo que perde o vigor quando prosseguido do vocábulo *mel*, substância doce, espessa, suave, que as abelhas formam com os sucos das flores. Logo mais, o narrador diz: “vomito todo o meu néctar”. A palavra *vomito*, também forte, por meio da qual expõem abjeções, e, por significar um ato de expelir algo com esforço pela boca e/ou lançar (algo) de si com violência, alcança um novo significado, em seu sentido conotativo, ao passo em que complementa o relato com a palavra *néctar*, bebida dos deuses, bebida excelente, deliciosa, suco adocicado de algumas plantas e, segundo dicionário de simbologia, define o néctar, a ambrosia por um alimento de imortalidade; os deuses e deusas deles se alimentam.

A seleção e combinação das palavras retiradas da epígrafe exemplificaram a existência contínua desse estilo no decorrer da escrita de João Gilberto Noll em *A fúria do corpo*. Esse procedimento é constitutivo, relevantemente, das criações poéticas, e como salienta Jakobson (1971): “A seleção é feita em base de equivalência, semelhança e dessemelhança, sinonímia e antonímia, ao passo que a combinação, a construção de sequência, se baseia na contigüidade” (p.130). Visto as palavras do estudioso, percebe-se que a construção da prosa poética passa por uma labuta artística, planejamento estético-estrutural.

Para a investigação desses assuntos, observa-se a própria narrativa tratando dessas questões: “Afrodite tem a língua cor de sangue e lambe a excreção da vida, a língua é carnívora, o dente marfim- a língua e o pau entram em combustão espontânea, natural é o Amor” (p. 99). E é dando sequência a essa citação que se envereda o trabalho às questões que trazem o “baixo” material e corporal estudados por Mikhail Bakhtin (2002).

Em Bakhtin, as divagações profundas a respeito da imagem grotesca do corpo e suas manifestações que o configuram como baixo corporal se relacionam com as poéticas observadas no romance. Por isso, é fundamental trazer, como suporte teórico, os estudos mencionados.

A imagem do corpo é visto como baixo, abjeto, por meio dos excrementos expelidos por distintas partes do corpo e, também, conseqüências naturais do organismo que compõem o baixo. A narrativa apresenta fortes momentos de rebaixamento, incluindo o baixo corporal e as suas forças excretoras e secreções desencadeadas por orifícios do corpo que estão presentes em *A fúria do copo*, ou melhor, que compõem a estrutura poética do autor: “o meu cocô é mais claro, o de Afrodite mais escuro, ambos estranhamente encorpados para quem tem fome” (NOLL, 1989, p.18). Prossegue com mais situações abjetas: “a mão que eu tinha enfiado na buceta dela toda lambuzada de sangue na frente do espelho todo arruinado, minha cara também toda lambuzada, corri a mão pela cara e pelo corpo todo” (NOLL, 1989, p.25). Outras excreções constituintes na narrativa: “o esperma da terra vai jorrar” (NOLL, 1989, p.30).

As manifestações do corpo que são constantemente negadas e postas na categoria do abjeto. Por outro lado, Bakhtin trata do baixo corporal e material como “princípio artístico essencial do realismo grotesco: todas as coisas sagradas e elevadas aí são reinterpretadas no plano material e corporal” (2002, p.225). E, também afirma que “a verdadeira riqueza, a

abundância não residem na esfera superior ou mediana, mas unicamente no baixo” (BAKHTIN, 2002, p.223).

Os conceitos considerados relevantes para a leitura e análise da narrativa obtiveram, até o momento, somente uma superficial exposição das definições do baixo material e corporal de Bakhtin e como estas estão atreladas às funções e imagens corpóreas dentro da escritura do autor contemporâneo.

No estudo, discutiu-se a linguagem poética do prosador Noll que não se delimitou em apenas expor fatos, relatos restritos à estrutura da narrativa, e sim, conduzindo-a de forma poética, com arte e licença típicas da poesia. As forças excretoras explícitas e que estilizaram a ficção, também mereceram considerações fundamentadas nos estudos de Bakhtin. Enfim, “a atividade do próprio prosador se exerce contra a natureza própria da palavra” (PAZ, 1982, p.25). E, para concluir, atente-se às palavras proferidas pelo próprio autor que condizem com as discussões apresentadas:

a minha literatura é muito preocupada com as forças expressivas, com as forças excretivas, excretoras, do corpo. Não é só a urina. Os meus personagens suam muito, ejaculam, defecam. Pôxa, mas por quê? Porque, como já falei antes, acho que a literatura deve mencionar questões vistas como periféricas pelo pensamento hegemônico, a ideologia do cotidiano.⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C.J. & SAMPAIO e MELO, A. *Dicionário da língua Portuguesa*, 8 ed., Portugal: Porto editora, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Annablume, 2002. (Linguagem, 12)

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. 5. ed. São Paulo CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Vários tradutores. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

BRASIL, Ubiratan. “Noll revela todas as rachaduras do íntimo”. In: *O estado de São Paulo*, 2006, p.10.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

⁵ Moacyr Scliar, "A busca do romance sinfônico," *Leia*, 100 (fevereiro, 1987), p. 18.

PAZ, Otavio. *O arco e a lira*. (Trad. de Olga Savary). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, pp. 15-58.

SCLIAR, Moacyr. "A busca do romance sinfônico," *Leia*, 100 (fevereiro, 1987), p. 18.